

CHURCHILL, CARYL, (2002)

*Sétimo Céu*

*Uma Boca Cheia de Pássaros*

*Distante*, Introdução, tradução e organização de Paulo Eduardo Carvalho, Cadernos Dramat, 10, Porto: Campo das Letras

FILIPA REIS

UNIVERSIDADE ABERTA

Em competente e oportuna tradução para português de Paulo Eduardo Carvalho, veio a lume uma colectânea de três das, pelo menos, quarenta e nove peças de autoria (total ou conjunta) da dramaturga britânica Caryl Churchill. A Introdução, escrita pelo tradutor, permite a inferência dos critérios de selecção que levaram a que, de entre a vasta produção da autora, sejam estas as três peças que agora se oferecem aos leitores portugueses: selecção, ela própria, precedida pela escolha anteriormente feita por Fernanda Lapa, a quem esta publicação é dedicada, e que foi responsável, em Portugal, pela encenação da peça *Sétimo Céu*, que, em 1997, foi levada à cena no Teatro Villaret, em Lisboa, e no Auditório Nacional Carlos Alberto, no Porto, assim como da peça *Uma Boca Cheia de Pássaros*, que se estreou, entre nós, na sala Garret do TNDMII, em 1998. À terceira peça incluída no volume, *Distante*, estreada, na sua versão original (intitulada *Far Away*), apenas em 2001, no Royal Court, Jerwood Theatre Upstairs, e em tradução para francês, em 2002, no Théâtre des Bouffes du Nord, subjaz, como critério de selecção implícito, o facto de ser recente, que, no cômputo total do volume, estabelece o nexo com a actualidade da escrita da autora. Também a peça *Distante* já foi levada à cena em Portugal, na Casa das Artes de Vila Nova de Famalicão, em Julho de 2002.

A preocupação de fidelidade, não à forma, mas sempre ao espírito e à intenção subliminar transportada nos originais, está patente no trabalho do tradutor, que nos dá conta e nos justifica as opções que faz, no que respeita à transposição das peças para o universo linguístico e cultural português: opções que divergem, caso a caso, como diverge a

natureza dos conteúdos veiculados. Em *Distante* põe-se em cena um universo apocalíptico de conflitos e partidarismos violentos, que excedem o âmbito das relações humanas para atingirem, até, os elementos naturais, num cenário fortemente distópico, do qual será desejável manter distância. A peça intermédia do volume, *Uma Boca Cheia de Pássaros*, é uma história de possessão que parte de uma relação intertextual, assumida pela autora, com *As Bacantes*, de Eurípides, para desconstruir, de modo mais sistemático e atento do que a aparência fragmentária do texto sugere, alguns dos *clichés* da cultura ocidental acerca da natureza dos homens e das mulheres. O trabalho de Caryl Churchill evidencia a qualidade eminentemente artificial das construções de conceitos que, adentro da cultura canónica, judaico-cristã, atribuem à natureza masculina a capacidade de acção, e, por extensão, de violência, e à natureza feminina, a passividade (igualmente, por extensão, a ausência de acção).

*Sétimo Céu* (ou *Cloud Nine*, na sua versão original) é a peça mais premiada de toda a carreira da autora. A sua leitura legitima os galardões que lhe têm sido atribuídos, porquanto, das três peças incluídas no volume, é a única em que a autora não se demite do seu trabalho de imprimir uma estrutura à experiência humana, por muito desconexa que essa experiência seja, como é típico da pós-modernidade. É, portanto, adentro do volume, aquela em que a perspectiva autoral é menos auto-complacente e mostra mais consideração pelos destinatários.

Em *Sétimo Céu* expõe-se a vivência humana como situação permanente de alienação, ou de alienações diversas, que vão desde a assunção preconcebida, e nem sempre genuína, dos papéis sexuais convencionalmente distribuídos, até à traição ao grupo étnico a que se pertence, a favor de uma solidariedade (alienada) para com o grupo étnico opressor, passando, de modo inevitável, pela alienação inerente à situação da mulher, constrangida a desempenhar papéis convencionais frequentemente contrários àquela que, em cada caso individual, é a sua verdadeira natureza. Emblematizam estes conteúdos, respectivamente, personagens como Betty, cuja primeira fala elucida o leitor/espectador de modo tão esquemático quanto o coro brechtiano: "Eu vivo para o Clive. O único objectivo de toda a minha existência / é ser aquilo que ele espera de uma esposa, sobretudo a paciência / sou uma criação dos homens, como podem ver. / E aquilo que os homens querem é o que eu quero ser."; este é o tom em que se apresenta também o criado negro Joshua, que reajusta a sua própria primeira fala dizendo: "Aquilo que os homens brancos querem é o que eu quero ser" – assim se estruturando, na peça, de imediato, o paralelismo entre as duas situações de opressão / alienação. O negro Joshua fará jus ao seu propósito na quarta cena do 1.º Acto, ao recusar-se a ir ao funeral dos seus pais, trucidados pela etnia branca, dominante, com a explicação: "Eles não são o meu povo, senhor (...). O meu pai e a minha mãe eram pessoas más. (...) O senhor é o meu pai e a minha mãe". A postura alienada do efeminado Edward

também se anuncia *ab initio*, quando à fala de seu pai, Clive - "O meu filho é jovem. Faço tudo o que convém / Para o ensinar a crescer como um homem." - responde: "O que o pai quer, eu quero profundamente ser. Mas tenho muitas dificuldades, como podem ver".

A colocação temporal na atmosfera colonial vitoriana (que levou o tradutor a optar por manter os nomes das personagens em inglês) realiza o suficiente *Verfremdungseffekt* para desabituar o olhar e estimular a percepção, ao mesmo tempo que permite inferir a constante actualidade das problemáticas tratadas. Mas a mais evidente inteligência contida neste trabalho de Caryl Churchill consubstancia-se nos momentos que nos dão conta da passagem do tempo e da alteração das posturas e da relação entre os géneros, sem que, por isso, a condição de alienação em que vivemos a nossa humanidade se altere de modo significativo. O 2º Acto transporta a acção para o presente, e, nele, é emblemática a fala em que Martin se dirige à sua companheira: "Tens vontade de aceitar esse trabalho? Nada te obriga. Ninguém te vai criticar, se tu preferires ficar aqui comigo. Não tem sentido nenhum, seres tão emancipada e estares sempre a chorar (...)". É assim que *Sétimo Céu* excede a condição de panfleto contra o domínio branco, masculino e heterossexual, para atingir a verdade, para além dos tempos e lugares, e dar conta, a quem lê, da condição permanentemente alienada da vivência humana individual, sempre constringida pelos pressupostos de cada tempo e de cada cultura; implicitamente, afirma, no processo, o direito básico de cada um a ser quem é, recorrendo a estratégias marcadas por aquilo a que o tradutor e introdutor do volume, com argúcia, chamou "a busca de estruturas formais capazes de darem conta da evolução da experiência humana".